

## **FICHA TECNICA:**

VERONA, A. F.. *Um destino comum: Imigrantes operários e camponeses vênnetos - a vinda dos têxteis de Schio para São Paulo, em 1891*. São Paulo: História (São Paulo), v. 13, p. 29-50, 1994.

### **UM DESTINO COMUM: IMIGRANTES OPERÁRIOS E CAMPONESES VÊNNETOS - A VINDA DOS TÊXTEIS DE SCHIO PARA SÃO PAULO, EM 1891 -**

#### **RESUMO**

Um pequeno grupo de operários têxteis veio ao Brasil no período da chamada "Grande Imigração". Durante o ano de 1891, período de maior ingresso de imigrantes italianos no país, 66 famílias partiram de *Schio*, uma pequena cidade da Itália, localizada na província de *Vicenza*, e se instalaram no Estado de São Paulo. Esses trabalhadores faziam parte de um grupo bem maior de famílias *esclodenses* que imigraram em outras regiões do Brasil, durante aquele ano. A principal causa desse grande êxodo de *Schio* foi a crise que se abateu sobre as relações de trabalho, até então bastante estáveis, entre os operários têxteis pertencentes à empresa "*Lanificio Rossi S.p.A.*" e seus representantes. Em 17 de fevereiro de 1891, centenas de trabalhadores haviam paralisado a produção daquela fábrica. Fora a primeira greve após 18 anos seguidos. Nos meses que se seguiram, 986 trabalhadores deixaram a cidade. O artigo apresenta também os pressupostos que permitiram, então, a esses operários se inserirem no contexto industrial brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE: imigração, operários têxteis, greve, relação de trabalho, contexto industrial.**

**A COMMON DESTINY: VENETIAN AGRICULTURAL AND INDUSTRIAL  
WORKERS - THE ARRIVAL IN SÃO PAULO OF THE TEXTILE WORKERS  
FROM SCHIO IN 1891**

**ABSTRACT**

A small group of textile-workers came to Brazil within a larger contingent known as "The Great Immigration". In the year 1891, when most of the Italian immigrants entered this country, 66 families came from *Schio*, a small town of Italy, situated in the province of *Vicenza*, and settled down in the State of *São Paulo*. These people were part of a larger group of families immigrating to other Brazilian states from *Schio*, during this period. The principal reason for this mass exodus from *Schio* was a crisis that had shaken the work-relationships between the textile-workers and the representatives of the *Lanificio Rossi S.p.A.* Company, relationships which until then had been very stable. On 17 February 1891, hundreds of workers had stopped the production of this industry. It had been the first strike in 18 years. During the following months 986 workers left the town. The article also shows the existing conditions which enabled these workers to integrate themselves into the Brazilian industrial context.

**KEYWORDS:** immigration, textile-workers, strike, work-relationships, industrial context.

**UM DESTINO COMUM: IMIGRANTES OPERÁRIOS E CAMPONESES  
VÊNETOS**  
*- A VINDA DOS TÊXTEIS DE SCHIO PARA SÃO PAULO, EM 1891 -*

*Antonio Folquito Verona<sup>1</sup>*

## **1. Introdução**

O tema do presente artigo, resultado de pesquisas desenvolvidas entre janeiro de 1990 e julho de 1991, na Itália e no Brasil, trata da imigração de um grupo de operários têxteis da cidade vêneta de Schio, província italiana de Vicenza, para o Estado de São Paulo, durante o ano de 1891.<sup>2</sup>

Este estudo pretende, de forma geral, reforçar a quebra de alguns lugares comuns aceitos pela historiografia sobre a imigração italiana em São Paulo e afirmar, inicialmente, a característica marcadamente vêneta da imigração italiana que para aí se dirigiu e, por outro lado, trazer também à luz o significado da imigração operária de Schio para São Paulo, dentro do contexto daquela imigração camponesa.

Nessa perspectiva, vamos reconstruir os momentos importantes desse movimento migratório que trouxe para São Paulo mais da metade das 365.000 pessoas procedentes do Vêneto e do Friul, entre 1878 e 1920, e que se dirigiram para o Brasil.

Há na imigração vêneta para o Brasil em geral, mas também para São Paulo, em particular, dois momentos singulares. Num primeiro, que se articulou mais propriamente a partir de 1875 e alcançou os primeiros anos da década seguinte, vieram os imigrantes, em sua maioria ex-pequenos proprietários, originários das regiões montanhosas do Vêneto. Destinaram-se, preferencialmente, às colônias criadas na região Sul do país. O segundo movimento migratório vêneta, composto basicamente por trabalhadores rurais, se originou nas áreas planas daquela região. Essa corrente migratória que surgiria no final da década de 80 e chegaria ao ápice nos meados da década seguinte, incorporou-se ao grande fluxo que caracterizou a chamada "Grande Imigração". Trouxe, em especial para São Paulo, os trabalhadores que se destinariam majoritariamente ao trabalho agrícola das grandes fazendas cafeeiras.

## **2. Os camponeses de Beluno, Treviso e Vicenza**

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Campus da UNESP.

<sup>2</sup> O tema foi objeto da dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), em maio de 1993. (Verona, 1993). O mesmo tema foi também, em parte, objeto de análise em um outro artigo publicado em 1992. (Verona, 1992).

Um verdadeiro êxodo em massa de camponeses aldeões das áreas montanhosas e também das colinas e vales, especialmente das províncias ao norte, tais como a de Beluno, Treviso e Vicenza, rumou para o Brasil nos meados da década de 70 do século passado. Constituíam-se, em sua grande maioria, de famílias camponesas numerosas que pressionadas pelas alterações das regras econômicas fixadas pela integração do Vêneto à Itália, no início daquela década, não conseguiam sequer retirar da terra o mínimo indispensável à sua sobrevivência. A entrada de produtos agrícolas, vindos de outros países estrangeiros, a preços competitivos aumentou a oferta de cereais no mercado italiano, baixando os preços internos. A produção agrícola sofreu uma drástica queda, levando rapidamente à proletarização dos camponeses. Essa crise, entretanto, não se constituiu na única causa de desagregação da sociedade camponesa local. Outras, mais crônicas, se faziam sentir a mais tempo.

Escrevendo a respeito das rupturas que se manifestaram já na segunda metade do século XVIII, quando surgiu a primeira grande crise da agricultura vêneta<sup>3</sup>, e que foram, posteriormente, se impondo negativamente à reprodução da pequena propriedade rural local, afirma a historiadora Zuleika Alvim:

" (que) *embora possuíssem um pequeno pedaço de terra ou certo capital para arrendar uma área de cultivo, (os camponeses) não estavam automaticamente excluídos da condição de braccianti<sup>4</sup> ou de qualquer outra categoria durante parte do ano. Muitos eram obrigados a trabalhar nessas condições em outras propriedades, e rara era a família de pequenos proprietários ou meeiros que não tinha filhos trabalhando como braccianti nas grandes fazendas, ou filhas operárias nas minúsculas indústrias artesanais da vizinhança.*" (Alvim, 1986, p. 33)

A crise conjuntural dos anos 70 veio acentuar drasticamente a incapacidade da pequena propriedade de se auto-sustentar. Daí que a saída encontrada foi a emigração, inicialmente vista como um recurso transitório, sazonal e, portanto, intermitente, e é nesse sentido que se deve entender o fluxo migratório vêneta que se orientou para os países da Europa central (Império Austro-húngaro, Suíça, Alemanha), e, também, para a Bélgica e o norte da França. Mas, na medida em que as possibilidades de manutenção da condição camponesa familiar foram sendo reduzidas ao limiar da sobrevivência, a opção de uma mudança efetiva e duradoura para um outro país tornou-se a única solução possível. A massa camponesa vêneta, deslocando-se para os países europeus, acabou por se transformar em proletariado industrial (ferroviários, mineiros de carvão e têxteis) enquanto que aqueles

---

<sup>3</sup> Conseqüência direta da chamada "Revolução Industrial", a 2ª. revolução agrícola (a 1ª. aconteceu no Neolítico), segundo o antropólogo Eric Wolf, redundou na aplicação dos conhecimentos derivados da pesquisa científica na produção agrícola, além do desenvolvimento de culturas especializadas (horticultura: hortas, pomares e vinhedos; fazendas leiteiras, etc.). A visão industrial de produção chegava ao campo. O resultado imediato foi a criação de um abismo tecnológico entre as áreas de "agricultura avançada" e as áreas de "agricultura tradicional", predominante no Vêneto setentrional. Sobre a 2ª. revolução agrícola cf. WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 56 ss.

<sup>4</sup> **Braccianti**: designação dada na Itália aos trabalhadores rurais volantes, não especializados, que trabalhavam como diaristas nas terras de outrem.

que se deslocaram para o além-mar, mais propriamente para o Brasil e Argentina<sup>5</sup>, prospectavam garantir aí a continuidade de sua condição camponesa.

Fica claro, portanto, que os pequenos ou ex-proprietários vênets, quando decidiam emigrar para o Brasil, almejavam reeditar as mesmas estruturas da sociedade camponesa de origem. Evidentemente que pretendiam fazê-lo de modo a superar as limitações encontradas no solo pátrio. A implantação dos núcleos coloniais, especialmente as do sul do Brasil (mas também em algumas áreas do Estado de São Paulo e Espírito Santo), onde se procedia à expansão das áreas agrícolas<sup>6</sup>, serviria a manter viva essa aspiração de origem, independentemente dos efeitos que sobre eles pudessem ter a interferência dos interesses oficiais, que estiveram na retaguarda desses empreendimentos. Entretanto, se, por um lado, essa aspiração foi em parte atendida pela oferta de terras cultiváveis em regiões estratégicas, consideradas pelo governo brasileiro como prioritárias para o povoamento<sup>7</sup> - ainda que distantes das áreas de exploração agrícola intensa (ou apenas em suas áreas de "fronteira") - por outro, as condições de implantação dos chamados "núcleos coloniais" não foram nada atrativas. Logo, essa tendência se reverteria, influenciada também por uma redefinição da política migratória. Malgrado as primeiras levadas de trabalhadores vênets tenham se dirigido, especialmente a partir de 1875, para o planalto riograndense, no final da década de 80 e início da de 90 o quadro se alteraria.<sup>8</sup> Veremos, então, entrar na Hospedaria dos Imigrantes do Brás (São Paulo) levadas inteiras de famílias vênets, com dezenas de pessoas, originadas justamente das áreas de predomínio da pequena propriedade.

### 3. Os *braccianti* de Rovigo, Pádua e Vicenza

Os anos 80 do século passado inauguram, na Itália, uma nova crise no setor agrícola que, segundo Angelo Trento, provocou uma profunda depressão e comprometeu sensivelmente a disponibilidade alimentícia. Essa nova turbulência deixava os camponeses, entre outras, literalmente impedidos de alcançar os empréstimos financeiros necessários. Para desfavorecê-los mais ainda, segundo esse autor, a política agrícola do Estado italiano obrigou-os a pagar "*a taxa sobre a farinha, cujo não pagamento podia comportar o*

<sup>5</sup> A escolha do Brasil e da Argentina como áreas de destinação se deu graças à oportunidade de aí se reproduzirem as condições típicas da sociedade rural vêneta, como já nos referimos, mas também, pelo fato de os Estados Unidos terem, anos antes, fechado as fronteiras para a imigração camponesa européia. (Sabbatini, Franzina, 1977, p. 20)

<sup>6</sup> O assentamento de trabalhadores rurais europeus através dos projetos oficiais de nucleação, no Estado de São Paulo, tinha como objetivo garantir uma força de trabalho eventual à cafeicultura, mas marginal às grandes propriedades.

<sup>7</sup> A política migratória definida pelo Estado brasileiro foi sempre pautada pelo princípio étnico do "branqueamento da raça". Daí o estímulo à imigração européia. Dom Pedro II, particularmente, tinha uma preferência especial pelos germânicos (sua mãe era austríaca). Foi grande o seu esforço pessoal em utilizar áreas da coroa (terras públicas devolutas) para loteá-las a colonos suíços (Rio de Janeiro) e alemães (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo). Cf. (Furtado, 1986, p. 124) O historiador Angelo Trento escreve que "*em 1848 o governo concedeu para cada província (do sul) 36 léguas quadradas de terras públicas devolutas (156.000 hectares) destinadas à colonização estatal, provincial ou particular.*" (Trento, 1988, p. 77)

<sup>8</sup> Em referência aos núcleos coloniais em São Paulo, escreve José de Souza Martins que "*foram fundados, entre 1876 e 1890, 15 núcleos coloniais em São Paulo, dos quais 14 eram oficiais.*" (Martins, 1973, p. 54-55) A imigração em massa para o Rio Grande do Sul termina em 1892. Cf. (Trento, 1988, p. 83).

*confisco da propriedade.*" (1988, p. 32) Trento afirma ainda, respaldando-se em dados fornecidos por Sereni<sup>9</sup>, que somente entre 1884 e 1901, foram confiscadas 215.759 pequenas propriedades e que no período compreendido entre 1886 e 1900, "*as vendas judiciais de terras por dívidas para com particulares atingiram a cifra de 70.774.*" (1988, p. 32). Essas medidas redundariam, especialmente no Vêneto, região agrícola por excelência, num processo crescente e contínuo de proletarização camponesa, com a elevação do número de *braccianti* entre os trabalhadores rurais.

Formou-se, assim, um excedente de força de trabalho sem vínculo com a terra e incapaz de ser absorvido globalmente e *tout-court* pela industrialização reduzida e ainda incipiente. A massa de trabalhadores, constituída pelos *braccianti*, rondava as planícies Vênetas e do rio Pó, à procura de algum trabalho sazonal. A propósito, baseando-se nos dados fornecidos por A. Lazzarini<sup>10</sup>, Zuleika Alvim afirma que "*analizando o Polesine (Rovigo), uma das províncias vênetas que mais forneceu emigrantes ao Brasil, vê-se que em 1881, do total de 217.700 habitantes, 35,44% da população estava classificada como diarista e que no censo de 1901, dos 221.904 habitantes, 53% tinham passado a essa categoria.*" (Alvim, 1986, p. 36)

Outro fator de expulsão que iria contribuir sensivelmente ao engrandecimento do contingente migratório, nascido ainda nessa conjuntura socioeconômica italiana dos anos 80, foi o movimento camponês reivindicatório chamado "*la Boje*". A expressão, em língua vêneta, significa: "*(a panela) está fervendo*". Era, enfim, o grito de guerra utilizado nas greves camponesas vênetas para obter 30% da colheita, e não dos 15% habituais, que se estendeu pela planície, especialmente na região Polésine, província de Rovigo, entre 1884 e 1885, mas que atingiu também as províncias de Pádua e Vicenza (Alvim, 1986, p. 130 e Verona, 1993, p. 323). A repressão que se abateu sobre os trabalhadores veio ainda mais reforçar a tendência à emigração.

Cria-se, assim, a partir desses dois importantes movimentos sociais dos meados dos anos 80, que engloba tanto o empobrecimento acelerado das camadas camponesas, como também a impossibilidade da economia urbana absorver satisfatoriamente o excedente de força de trabalho assalariada, proveniente das atividades rurais, um novo quadro propício à formação de um segundo fluxo migratório de vênetas para o Brasil. Esse novo fluxo, que se difere do anterior, trouxe consigo as marcas indelévels de um tempo onde renasciam as lutas trabalhistas no interior das grandes propriedades agrícolas da planície vêneta, atingindo diretamente as populações agrícolas das províncias mais ao sul da região (Vicenza, Veneza, Verona, Pádua e Rovigo).<sup>11</sup>

Pela segunda vez, no último quartel do século XIX, a emigração vêneta, ressurgia como um grande movimento de massa. Era a chamada "Grande Emigração", capaz de expulsar da Itália algo em torno de sete milhões de trabalhadores em busca de novas

<sup>9</sup> SERENI, E. *Il Capitalismo nelle Campagne, 1860-1900*. Torino: Einaudi, 1968, p. 244-246.

<sup>10</sup> LAZZARINI, A. *Campagne Venete ed Emigrazione di Massa (1866-1900)*. Vicenza: Istituto per le ricerche di Storia Sociale e di Storia religiosa, 1981, p. 292,343.

<sup>11</sup> O conhecido cineasta **Bernardo Bertolucci**, em seu "*Millenovecento*", retrata as origens e conseqüências desse conflito na vida de duas crianças, nascidas na mesma propriedade, mas em lugares sociais contrapostos.

condições de vida e trabalho. Fenômeno social que se caracterizava como um grande movimento aparentemente espontâneo, desarticulado e singularizado, mas que continha resquícios de resistência, com o abandono puro e simples das péssimas condições criadas na pátria-mãe.

#### **4. São Paulo: a nova área de atração para os trabalhadores vênets**

São Paulo constituía-se, especialmente a partir dos anos 80, numa importante área receptora de força de trabalho imigrante. O que terá efetivamente acontecido para que a região cafeeira pudesse atrair tantos trabalhadores? A campanha abolicionista, o relaxamento das normas escravistas e a legislação que se seguiu, especialmente a Lei do Ventre Livre, de 1871, como se sabe, acabaram por redundar na libertação definitiva dos trabalhadores escravos. Esse processo, porém, produziu, desde o fechamento oficial da importação de escravos diretamente da África, a uma redução contínua da força de trabalho adicional, tanto nas propriedades estabelecidas (Vale do Paraíba) quanto nas áreas de expansão (Oeste e Oeste Novo). A introdução de trabalhadores imigrantes assalariados tornou-se, portanto, um imperativo imediato com vistas o suprimento de força de trabalho no campo.

A partir do início dos anos 50, abriu-se, com base nas experiências do Senador Vergueiro (Furtado, 1986, p. 126) uma temporada favorável de importação de trabalhadores com vistas à sua fixação efetiva no interior das fazendas. Mas o sistema, degenerado pelo crescente endividamento do "colono", progressivamente foi abandonado. Procurando superar as dificuldades iniciais, a província de São Paulo, através de lei aprovada em 6 de março de 1884, franqueou o transporte às famílias imigrantes que quisessem instalar-se nas fazendas cafeeiras ou nos núcleos coloniais. O Estado passava a assumir, sob a égide dos interesses da classe proprietária, o ônus do transporte dos imigrantes, possibilitando, assim, a introdução de contingentes sempre maiores de trabalhadores e a formação de um excedente de força de trabalho agrícola capaz de pressionar consideravelmente para baixo o preço do trabalho. Deduz-se, portanto, que houve uma relação direta entre o movimento pela quebra definitiva dos vínculos servis e a demanda de força de trabalho livre européia, com a crescente fluência de trabalhadores rurais imigrantes nas fazendas paulistas. Daí compreende-se o porquê da aceleração do movimento pela abolição da escravatura contou com o respaldo explícito dos fazendeiros do "Novo Oeste". (Trento, 1988, p. 23-25)

Com a nova política migratória e o abandono progressivo dos nucleamentos oficiais, o sonho do acesso imediato à propriedade da terra parecia se esvaír. Entretanto, para a maioria dos trabalhadores imigrantes ele não havia acabado. Essa aspiração, que tanto motivou a imigração precedente, orientada para os núcleos coloniais, de reeditar em São Paulo, a estrutura da sociedade camponesa vêneta, não desapareceria. Ao contrário, foi idealmente estimulada pelos agentes e proprietários promotores da imigração com vistas a mantê-la como estímulo e transformá-la em força de adaptação às condições estabelecidas pela nova fase de capitalização. Cabia, porém, aos novos imigrantes tornarem-se primeiramente empregados das grandes fazendas cafeeiras para depois, com o pecúlio que daí conseguissem amealhar, adquirir o seu definitivo pedaço de chão. (Martins, 1973, p. 69)

A força motriz da aspiração camponesa, associada às condições expulsoras favoráveis criadas no Vêneto e a ação dos agentes de propaganda, que fizeram o elo entre a oferta e a procura, trouxeram milhões de trabalhadores a São Paulo. O grosso desse contingente de imigrantes se destinou diretamente à cafeicultura, nas grandes propriedades. Dos 4.100.000 imigrantes entrados no Brasil, entre 1886 e 1934, 56% se fixaram no Estado de São Paulo. A grande maioria era constituída por italianos. No Estado, entraram 44% da emigração italiana para o Brasil, entre 1820 e 1888 (quando a maioria dos imigrantes ainda se destinava às regiões de fronteira agrícola no Sul do país). Entre 1889 e 1919, durante o período da Grande Imigração, entraram no Estado de São Paulo 79% dos italianos ingressos no Brasil.

No que tange especificamente a imigração de trabalhadores vênets para o Estado, é importante informar primeiramente que, entre 1887 e 1895, deram entrada no Brasil 246.168 vênets e friulânos, correspondendo, portanto, a cerca de 50% dos imigrantes entrados no país, naquele período. Para São Paulo, conforme afirma a historiadora Zuleika Alvim afirma, durante a existência da Sociedade Protetora da Imigração (SPI), isto é, entre 1886 e 1895, vieram 480.896 imigrantes, dos quais 353.139 eram italianos. Se, hipoteticamente, tomarmos por base as cifras apresentadas pelo Prof. Trento, citadas, onde os vênets e friulânos aparecem como o grupo regional italiano majoritário a imigrar, e as compararmos com as apresentadas pela Prof<sup>a</sup>. Zuleika, podemos concluir, usando os mesmos percentuais, que vênets e friulânos chegaram a atingir, por baixo, a casa dos 176.000 imigrantes ingressos no Estado de São Paulo, durante o mesmo período.<sup>12</sup>

Foi durante o desenrolar dessa última fase migratória que os operários vênets de Schio chegaram. O que teriam vindo fazer? Transformar-se-iam em trabalhadores rurais integrando-se ao conjunto dos imigrantes? Buscariam manter os vínculos com a profissão de origem, se incorporado a outras atividades urbanas? É o que veremos a seguir.

## **5. A imigração vêneta não camponesa**

Do Vêneto, malgrado as aparências, não vieram somente camponeses e trabalhadores agrícolas. Veio também toda a sorte de categorias profissionais e classes sociais. Seria possível identificá-las?

As dificuldades começam a partir do momento em que se investigam os arquivos da imigração. Em pouquíssimas vezes os registros fazem menção à origem profissional dos imigrantes e também quanto a sua procedência, especialmente quando a entrada destes se deu nos primeiros anos da "Grande Imigração".<sup>13</sup> Podemos, entretanto, afirmar com certeza

---

<sup>12</sup> Fonte: MAIC, Statistica dell'emigrazione italiana all'estero. (Trento, 1988, p. 39) Segundo Zuleika Alvim, durante a existência da Sociedade Protetora da Imigração (SPI), isto é, entre 1886 e 1895, entraram em São Paulo 480.896 imigrantes; 353.139 deles eram italianos. Se tomarmos por base as cifras apresentadas pelo Prof. Trento, anteriormente citadas, onde os vênets e friulânos aparecem como o grupo italiano majoritário a imigrar, com percentual de 50%, e as compararmos com estas, quantificando a entrada de imigrantes em São Paulo, podemos concluir que esse grupo regional pode ter atingido, no mesmo período e por baixo, a casa dos 176.000 imigrantes ingressos. (Alvim, 1986, p. 49)

que a imigração vêneta ultrapassou os limites do campo. Fundamentamos-nos tanto na bibliografia historiográfica italiana como em nossa pesquisa realizada naquele país.

Entre os italianos não camponeses, entrados em São Paulo durante a "Grande Imigração", estavam também operários, artesãos e até pequenos comerciantes. Todos vieram com a intenção de "*fare l'America*", mas nem todos almejavam se deslocar para as fazendas. Muitos se sentiram atraídos pela expansão das atividades industriais e comerciais de algumas cidades do Estado. Com isso, acabaram por permanecer em São Paulo e em outras cidades de grande porte para a época, como Campinas, Santos e Ribeirão Preto<sup>14</sup>. Houve, até, por parte das autoridades estaduais uma preocupação especial com os imigrantes que, malgrado tivessem chegado aqui como aparentemente interessados em se engajar no trabalho agrícola, acabavam por inserir-se em atividades de outra natureza. Sabe-se, hoje, que esta foi uma estratégia encontrada pelos trabalhadores imigrantes para conseguir o traslado gratuito, visto que o subsídio oficial se destinava a garantir o abastecimento de braços para a lavoura.<sup>15</sup>

Fica difícil, porém, estabelecer parâmetros quantitativos para a imigração desses grupos sociais vênets, precedentemente ligados a atividades urbanas e que se deslocaram para as cidades paulistas. Estudos feitos em documentos brasileiros (por sinais raros) pela Prof<sup>a</sup>. Zuleika dão conta da existência e o crescimento de imóveis, propriedades de imigrantes italianos, no período de 1.902 a 1.910, em 57 municípios paulistas. Segundo ela "*... na cidade de São Paulo, praticamente dobrou o número de propriedades urbanas pertencentes a italianos. Aumentaram de 4.993, em 1902, para 7.462, em 1.910, o que significa um crescimento de 49,4% de imóveis em suas mãos.*" (Alvim, 1986, p. 141) Isso pode ser interpretado como resultado de um duplo movimento: 1) do aumento da capacidade econômica dos imigrantes que vieram para as áreas urbanas; e ou 2) da fuga

---

<sup>13</sup> Para a burocracia portuária brasileira (leia-se, no caso, paulista) todos os imigrantes, no ato de desembarque, se tornavam igualmente "italianos", apesar das características específicas que cada grupo regional apresentava. Às autoridades e às classes proprietárias interessava, de sobremodo, a captação de força de trabalho rural na Itália, com o objetivo de fornecê-la às áreas de plantio. Era importante que estivessem seguros da ação arrebanhadora dos agentes de propaganda. A pouco ou a nada se prestavam as informações adicionais, pelo menos num primeiro momento, que não contemplassem aquela preocupação central. Soma-se aí a condição da maioria dos imigrantes, que vinha sob os auspícios do Governo Geral. Nos arquivos da antiga Hospedaria dos Imigrantes aparecem, com frequência, nos livros de matrícula, registros de trabalhadores vênets, que comprovadamente foram operários na Itália, sem nenhuma referência a sua verdadeira identidade profissional e, às vezes, designados como os demais indistintamente apenas como "camponeses". A respeito das dificuldades em se definir as profissões dos imigrantes desembarcados em portos brasileiros. (Klein, 1989, p. 98)

<sup>14</sup> "*Lo Stato di S. Paolo fu il più astuto di tutti quelli del Brasile. Chi viaggi colà si figura di essere in Italia. Il piccolo commercio nei capoluoghi è tutto in mano degli Italiani. Nella sola città di S. Paolo ne risiedono un quarantamila, che non possono davvero lamentarsi del loro stato.*" (De Zettiry, 1983, p. 62)

<sup>15</sup> Lê-se, a propósito, no "**Relatório Anual Apresentado ao Cidadão Dr. Presidente pelo Dr. Theodoro Dias de Carvalho Junior**", publicado em 1896, que, "*apesar de todas as seguranças introduzidas nos contratos, verifica-se que uma parte considerável dos imigrantes, tendo embarcado com declaração de serem agricultores, recusam-se, depois de chegados às hospedarias, a aceitar colocação na lavoura. A conseqüência é o crescimento extraordinário de população proletária das cidades, principalmente da capital.*" (Trento, 1989, p. 121)

constante de imigrantes que, inicialmente, foram para o campo e que, já no final da década de 90 do século XIX e início deste, diante das grandes dificuldades (leia-se: a não realização do "mito camponês"), buscaram guarida nas cidades.

Se a imigração de categorias profissionais urbanas vênetas para São Paulo no início da "Grande Imigração" se constituiu num fenômeno surpreendente para os padrões estabelecidos pelo projeto migratório, então vigente, e, por sua vez, rompia com o projeto dominante, a vinda de operários daquela região certamente deve ter provocado espanto ainda maior. E se esses operários chegassem aqui já com um *know-how* organizativo (sindical e político) trazidos a partir de experiência anterior? Sem ter elementos definitivos para afirmar essa matriz, diríamos cultural dos operários vênetas que aqui chegaram, podemos afirmar, entretanto, que foi significativa, apesar de numericamente inferior, a imigração deles para o Brasil e, em especial, para o Estado de São Paulo.

Entre 1.884 e 1.893, saíram do Vêneto 163.441 pessoas, sendo que 8.156 eram operários, correspondendo a 5,0% do conjunto. Somente da província de Vicenza, no mesmo período, saíram 19.420 pessoas, das quais 2.383 operários, isto é, 12,3% do total provincial<sup>16</sup>. Tomando particularmente o ano de 1.891, primeiro grande pico de entrada de imigrantes em São Paulo após o início da "Grande Imigração", podemos notar, fundamentados nas informações oferecidas pelo historiador Simini, de que ele significou o período de maior índice de partidas de operários da província de Vicenza para o exterior. Das 7.299 pessoas dessa província que emigraram, 1.390 eram de origem operária. Isto é, representavam 19% do total<sup>17</sup>. Se nos reportarmos à informação apresentada anteriormente de que a maioria dos vênetas migrados dirigiu-se para o Brasil (Alvim, 1986, p. 63), pode-se deduzir também, com isso, que a maior parte desses operários acabou vindo para São Paulo.

Em contrapartida, havia no Estado um clima favorável à captação desses trabalhadores. Na segunda metade do século XIX, as cidades paulistas estavam sofrendo uma profunda transformação econômica. Tanto aquelas que se beneficiaram diretamente e imediatamente com o considerável aumento da produção cafeeira (Ribeirão Preto, Campinas, Sorocaba), quanto as que se enveredaram pelo caminho da industrialização, tendo como suporte o crescimento populacional, a centralização das atividades burocráticas e a criação de uma infra-estrutura prévia de armazenamento e expedição dos estoques de café (São Paulo, Santos). A indústria incipiente produziria, inicialmente, os artigos complementares à cafeicultura e a seguir também os artigos destinados a atender a crescente demanda interna. O setor industrial que mais se desenvolveu, relativo ao setor têxtil, foi determinado em boa parte pelo aumento do consumo urbano. (Verona, 1992, p. 59)

Essa efervescência, que levou à criação de um mercado de força de trabalho industrial, associada às pressões econômicas, sociais e políticas no interior da sociedade

---

<sup>16</sup> Cf. SIMINI, E. M. Espulsione di operai e dinamiche sociodemografiche in un distretto industriale: l'emigrazione da Schio a fine Ottocento. In FRANZINA, E. **Un altro Veneto: saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX**. Padova: Francisci, 1983, p. 58.

<sup>17</sup> Ibidem.

italiana em geral e no Vêneto, em especial, possibilitou também a existência de uma imigração operária.

Foi nesse contexto e com esses pressupostos que desembarcaram no Estado de São Paulo, a maioria passando pelas instalações da antiga Hospedaria dos Imigrantes (Brás) ao longo do ano de 1981, 66 famílias operárias, num total de 218 pessoas, provenientes de Schio. (Verona, 1993, p. 176)

## 6. Os imigrantes operários de Schio em São Paulo

Como acabamos de dizer, eles ultrapassaram duas centenas. Pertenciam, majoritariamente, à desenhada *condição operária* de Schio. Mas cabe-se perguntar: qual era, de fato, a identidade dessas pessoas? Onde nasceram? Como chegaram a Schio? Como se chamavam? Com quem viviam? Afinal, quem eram? É possível pensar em suas individualidades dentro de um processo fundamentalmente de massa? Quais os limites que separavam, para essa gente, o projeto individual do coletivo?

Nas próximas páginas iremos responder a essas questões. Procuraremos traçar, inicialmente, um perfil que estabeleça os contornos que caracterize a imigração esclensedense<sup>18</sup> para São Paulo, vendo-a sob o enfoque histórico-sociológico, sem, contudo, perder de vista que ela foi produzida e incorporou centenas de histórias de vida, projetos, sucessos e fracassos pessoais. Por isso, na medida em que os dados nos permitirem, daremos identidade pessoal aos números.

### 6.1. Quem eram os operários de Schio?

Pela documentação que pesquisamos nos arquivos do *Ufficio Anagrafe* da Prefeitura de Schio (UACS), dirigiram-se para o Brasil, 986 pessoas, partidas daquela cidade somente durante o ano de 1891. Distribuíram-se, a partir do sul do país, pelos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Os que se dirigiram, especificamente, para São Paulo, foram identificados, em grande parte, na documentação pesquisada junto aos arquivos da extinta Hospedaria dos Imigrantes, sob a guarda do Centro Histórico do Imigrante (CHI), situado no Brás, em São Paulo. Eles chegaram, como já afirmamos anteriormente, a um total de 218 pessoas. Mesmo com as dificuldades de confirmação rigorosa, apenas por esses dados já nos é permitido afirmar que o fluxo para São Paulo foi, certamente, o mais expressivo.

Suas identidades? Seria impossível relacioná-las por prenome. Podemos, porém, grosso modo, individualizar seus nomes mais comuns. Chamavam-se: *Angela, Biagio, Catterina, Domenico, Elisabetta, Francesco, Giovanna, Luigi, Maria* e tantos outros, com os mais variados prenomes, por sinal, muito comuns no Vêneto daquele tempo.

Com quem partiram? Alguns partiram sozinhos. Outros partiram em grupos. Uns, partiram a sós com um dos pais. Se casados, com um ou dois filhos. Outros partiram com a família toda. Vinculavam-se, conseqüentemente, a esta ou àquela família. Algumas, ainda,

<sup>18</sup> **Esclensedense:** *adj.* relativo à Schio, aquele que nasceu ou que vive nessa cidade.

com fortes traços patriarcais. Outras, entretanto, já se encontravam reduzidas pelas duras limitações da vida de fábrica. Todas, porém, mantendo, no universo das relações intrafamiliares, um elemento cultural comum, como era de praxe à cultura predominante na Itália da época, isto é, o de manter estreitos os laços afetivos entre si.

Como se chamavam? Eram os *Andrighetto*, os *Bressan*, os *Ciscato*, os *Danieli*, os *Fabbiani*, os *Ghiotto*, os *Lovato*, os *Menin*, os *Nazzo*, os *Patroncini*, os *Roman*, os *Scarpin*, os *Tescari*, os *Ustorio*, os *Zaltron* e tantas outras famílias.

A história pessoal e familiar de cada uma dessas pessoas irá se confundir, a partir do momento em que se deu a saída de Schio, com a história coletiva. De todas as famílias<sup>19</sup> que se deslocaram para São Paulo, em 1891, escolhemos, para exemplificar, seis delas por terem oferecido, durante as pesquisas, elementos suficientes para que construamos um traçado aproximativo do seu perfil, da sua trajetória e do percurso que cada uma delas seguiu, chegando a São Paulo. O objetivo, ao abordá-las, é o de inserir suas histórias de vida no contexto mais amplo da imigração escedense, tornando-a mais viva e tangível, já que muitos de seus descendentes estão, provavelmente, ainda entre nós. São elas:

Dos **BERTON** partiram somente dois. O pai chamava-se *Carlo*, era operário têxtil e tinha 45 anos, em 1891. Nasceu em *Caselle di Altivole* (Treviso), em 12 de dezembro de 1845. Era filho de *Domenico* e de *Maria Giacomelli*. Casou-se, em 1876, na aldeia de *Crespignasa di Maser* (Treviso), com *Maria Fiorenza Pellizzari*, dona de casa, filha de *Roberto* e de *Maria Geronazzo*. Tiveram 6 filhos, todos nascidos em Caselle. A mulher permaneceu na Itália. Com o pai, partiu somente o terceiro, *Giuseppe Luigi*, de 11 anos, nascido aos 2 de agosto de 1880. Moravam em Schio desde o dia 13 de dezembro de 1889, quando se registraram no setor de serviço demográfico municipal.

Os **CRESTANA** eram muitos. O patriarca, cujo nome era *Giovanni*, 36 anos, pertencia a uma família de artesãos, originava-se de *Monte di Malo* (Vicenza), onde nasceu a 4 de setembro de 1854. Era filho de *Francesco* e de *Biagia Pellichero*. Foi para Schio em 7 de dezembro de 1871. Casou-se, em 11 de julho de 1886, com *Emilia Miotto*, também artesã. Ela, nascida aos 18 de outubro de 1863, em *Longare* (Vicenza), era filha de *Valentino* e *Regina Pretato* e chegou a Schio durante o ano de 1877. Nessa cidade, o casal teve 6 filhos: *Francesco*, com 11 anos, quando partiu para São Paulo, *Giovanni*, com 9 anos; *Adolfo Valentino*, com 7 anos; *Maria*, com 5 anos; *Biagia*, com 2 anos e *Margherita*, com 8 meses. Os primeiros quatro filhos foram registrados com a mesma profissão dos pais. Ao todo, vieram 7 pessoas.

<sup>19</sup> São elas, por ordem alfabética: *ANDRIGHETTO*; *BASSO*; *BELTRAME*, *Eugenio*; *BELTRAME*, *Guglielmo Luigi*; *BERTON*; *BICEGO*; *BONIVER*; *BRESSAN*; *CASARA*; *CERIBELLA*; *CHEMELLO*; *CHIARATI*; *CISCATO*; *CORRÀ*; *CRESTANA*; *DAI ZOVÌ*; *DAL SANTO*; *DALLA COSTA*, *Pietro*; *DALLA COSTA*, *Stefano*; *DALLA VECCHIA*; *DANIELE*; *DANIELI*; *DE LUCA*; *FABBIANI*; *FUCCENECCO*; *GAFFI*; *GHIOTTO*; *Bortolo*; *GHIOTTO*, *Vittorio*; *LAGO*; *LOSEO*, *Angela*; *LOVATO*; *LUCCARDA*; *MAGNANI*; *MALAGNINI*; *MARTINUZZI*; *MELO*; *MENIN*, *Girolamo*; *MENIN*, *Pietro*; *NAZZO*; *PASQUALOTTO*; *PATRONCINI*, *Giovanni*; *PATRONCINI*, *Luigi*; *PEZZELATO*; *PIAZZA*; *POLI*; *RABBITO*; *RENZI*; *ROMAN*; *ROSSI*; *SALIN*; *SCAPIN*; *SCARAMUZZA*; *SEGALA*; *SELLA*; *TESSARI*; *TESSARO*; *TESTA*; *TOVAGLIA*; *USTORIO*; *VICENTIN*, *Antonio*; *VICENTIN*, *Girolamo*; *ZALTRON*, *Giovanni*; *ZALTRON*, *Giovanni*; *ZALTRON*, *Giuseppe*; *ZAMBELLI* e *ZANONI*.

**DALLA VECCHIA**, era *Giovanni Battista*, de 56 anos, também ele operário têxtil. Nasceu em *Tretto* (Vicenza), na época ainda não pertencente ao município de Schio, aos 26 de outubro de 1834. Seu pai chamava-se *Remigio Giobatta*, como era registrado, deu entrada oficial em Schio no dia 18 de novembro de 1871. Casou-se com *Maria Zaltron*, dona de casa. Esta, nascida aos 16 de julho de 1847, em Schio. Seu pai chamava-se *Giacomo*. O casal teve 10 filhos. Sete sobreviveram: *Maria*, a primogênita, nascida em *Torrebelvicino*, que ficou na Itália e os outros seis todos nascidos em Schio, partiram para São Paulo, juntamente com os pais: *Remigio*, de profissão não declarada, com 19 anos; *Giacomo*, operário como o pai, com 17 anos; *Abele*, de profissão ignorada, com 15 anos; *Lucia*, também sem profissão declarada com 12 anos; *Pietro*, com 8 anos e *Teresa*, com 2 anos. Partiram em 8 pessoas.

Dos **MARTINUZZI** partiram 4 pessoas. O pai, *Luigi*, de 37 anos, nascido em *Palmanova* (Údine), aos 25 de julho de 1854, também era um operário têxtil. Seus pais chamavam-se *Pietro* e *Teresa Valle*. Casou-se em Vicenza, aos 17 de fevereiro de 1878, com *Virginia Bettanin*. Ela, com 31 anos, de profissão não registrada, nascera em Vicenza, aos 18 de maio de 1860, filha de *Giuseppe* e *Giustina Maraschin*. Emigraram de Vicenza para Schio no dia 21 de abril de 1891, com dois filhos, ambos nascidos em Vicenza: *Guido*, de 10 anos e *Zelia*, de 6 anos.

Dos **SCARAMUZZA** partiram 5 pessoas para São Paulo. O pai, *Antonio*, carpinteiro, tinha, então, 53 anos, nascido em *Montecchio Maggiore* (Vicenza), aos 14 de março de 1838, filho de *Giuseppe* e *Anna Maria Boschetti*. A mulher, *Catterina Nogara*, de profissão ignorada, era filha de *Valentino* e de *Teresa Caleani*, e nascera em *Cologna* (Verona), aos 6 de abril de 1839. Ambos se casaram em *Montecchio Maggiore*, no dia 13 de abril de 1861. Aí tiveram os dois primeiros filhos: *Giuseppe Francesco*, que veio com 21 anos, sem profissão declarada; e *Domenico*, com 18 anos, também sem nenhuma identidade profissional registrada. Em *Arzignano* (Vicenza), nasceu *Teresa*, que veio com 16 anos e, assim como os demais irmãos, não era identificada profissionalmente. Todos haviam se transferido para Schio, em 2 de junho de 1882.

Os **VICENTIN** eram originários de Vicenza. A família partiu com 8 pessoas. O pai, que nascera aos 13 de julho de 1846, na capital provincial, chamava-se *Girolamo*, tinha 44 anos quando chegaram ao Estado de São Paulo. De profissão, era sapateiro. Seus pais: *Angelo* e *Catterina Zangiacomì*. Casou-se, ainda em Vicenza, em 13 de agosto de 1866, com *Maria Meneghetti*, nascida aos 5 de novembro de 1862, em *Galliera* (Pádua). Era filha de *Antonio* e *Maria Carolin*. Ainda, naquela cidade, tiveram três filhos: *Antonio*, de 24 anos; *Angelo*, de 12 anos e *Palmira*, de 10 anos. Todos deram entrada em Schio no dia 10 de maio de 1882. Nessa cidade, o casal teve o último filho na Itália, *Romeu*, que veio a falecer, em 1885, com três anos. Aí, também, casou-se o filho Antonio, no dia 6 de fevereiro de 1890, com *Artemigia Incerti*, filha de *Angelo* e *Beatrice Cazzolini*, nascida aos 24 de setembro de 1863, em *Modena*, capital provincial da região da Emília-Romanha. Este casal teve um filho, *Romeo*, que nasceu em Schio no dia 13 de março de 1891. Junto com a família partiu para São Paulo uma menina, de nome *Felicità*, com 7 anos, de pais cuja identidade não aparece. Dos registros deduz-se, apenas, que tenha sido agregada à família,

talvez às vésperas da viagem e, ainda, que possa ter sido afilhada de alguma das pessoas mais velhas.

## **6.2. Por que os operários deixaram Schio?**

Um acontecimento excepcional para a história daquela cidade se deu em 17 de fevereiro de 1891. No amanhecer do dia, algumas centenas de operários vinculados ao setor de tecelagem da maior fábrica local, o *Lanificio Rossi SpA.*, pararam as máquinas. Aparentemente, esse fato poderia se constituir como mais um conflito rotineiro dentro das relações capital-trabalho. Entretanto, assim não foi. Além de constituir-se num fato novo, depois de dezoito anos ininterruptos de aparente paz social, a greve fez desabar o arcabouço de uma relação *sui generis* articulada, desde os idos de 1873, pelo principal intelectual do capitalismo industrial nascente na Itália da época, o industrial Alessandro Rossi, posteriormente também senador do Reino.

A paralisação constituiu-se num fato inédito na cidade e acabou por atrair, não somente as atenções dos moradores locais, já desacostumados com movimentos daquela ordem, mas também da imprensa provincial, que para lá deslocou pessoal especializado com vistas a dar cobertura aos acontecimentos diários. O fato conseguiu produzir manchetes, artigos e editoriais. Os cinco dias de paralisação foram suficientes para transformar os trabalhadores envolvidos e as vidas de suas famílias. Eles próprios se encarregaram de se autodemitirem da empresa, mas, esta, por sua vez também desencadeou um processo prolongado de repressão contra todos aqueles identificados como lideranças atuantes durante a greve. Pela documentação pesquisada foi-nos possível chegar à conclusão de que o relato das testemunhas que na época presenciaram os fatos, isto é, que nos meses seguintes àquela greve uma verdadeira multidão deixou a cidade e partiu, especialmente para o exterior, estava totalmente fundado. Elas atestavam, e os historiadores locais reafirmam que o contingente migratório alcançou, somente naquele ano de 1891, de 10 a 13% da população de Schio, estimada então em cerca de 15.000 habitantes.

Acompanhando a trajetória das seis famílias escolhidas, é possível informar que: os dois membros da família **BERTON** deixaram Schio no mês de março de 1891. Partiram em abril, os **CRESTANA**, os **DALLA VECCHIA** e os **VICENTIN**. Os **SCARAMUZZA** partiram no mês seguinte; e os **MARTINUZZI**, finalmente, só deixaram a cidade no dia 20 de setembro.

## **6.3. As características da imigração escludense**

Retomando o que havíamos dito anteriormente, este tópico visa caracterizar a imigração escludense para São Paulo, buscando identificar os traços gerais e comuns desse conjunto de 218 pessoas, delineando, assim, o seu perfil aproximativo. Acompanhando essa abordagem, apresentaremos o percurso seguido pelas seis famílias citadas. Longe de querermos, com isso, esgotar as ricas particularidades trazidas por esse contingente humano tão complexo. Queremos, entretanto, extrair dele alguns elementos comuns que nos permitam, a partir daí, refletir sobre o papel histórico-social que, indubitavelmente, esse grupo, ou parte dele, desempenharia nas décadas seguintes.

### **6.3.1. *A constituição das famílias***

O primeiro traço característico dessa corrente migratória foi, apesar de ter sido majoritariamente masculina, a presença quantitativa muito grande de mulheres. A presença delas significa uma intenção de desejo de permanência, porque com elas estaria a família como um todo. Relativamente a outras correntes migratórias, nesta os homens não foram os únicos a romper de imediato com o velho mundo, o que reforça a idéia de que vieram para ficar. A segunda característica foi o número pequeno de integrantes que compôs as diferentes famílias. A maioria delas não ultrapassou cinco pessoas. Parece estarmos diante de uma família "celular" contemporânea.

A terceira referia-se a um outro dado familiar. A maioria das pessoas que compunha as famílias era formada pelos casais e respectivos filhos. A família padrão, se assim podemos chamar, estaria basicamente composta pelo casal e três filhos. Insignificante, portanto, foi a presença de outros parentes ou agregados. Um outro elemento muito importante na caracterização desse grupo foi o da pouca idade de seus membros. A grande maioria, quando embarcou na Itália, não chegava a ter 30 anos de idade e mais da metade não alcançava os 25.

### **6.3.2. *Quanto à origem dos imigrantes***

O que mais definiu o grupo, quando se tratou de identificar o local de naturalidade, foi a origem comum na província de Vicenza. Quanto ao local específico de nascimento, a maioria nasceu em Schio (46,3%) ou na região circunvizinha (12,8%).

Uma outra característica importante foi que, entre os imigrantes escludenses que vieram para o Estado de São Paulo, um grupo considerável (40,9%) havia sido migrante em seu próprio país. Em Schio, teriam buscado realizar a própria utopia e, entretanto, foram aí sempre tratados como verdadeiros "estrangeiros".

### **6.3.3. *A condição operária dos imigrantes***

A caracterização profissional dos imigrantes escludenses, que, segundo a nossa leitura, representa o eixo central da identidade desse conjunto, passava pelo trabalho fabril. O que nos levou a tanta certeza?

Não houve como estabelecer a identidade operária de todos os imigrantes, a partir de um simples exame documental. Buscamos, entretanto, outros caminhos para encontrar uma resposta satisfatória e rigorosa. Primeiramente, identificamos as diversas profissões consideradas como pré-industriais que carregavam ainda os padrões de produção artesanal. Embora a tendência geral tenha sido o de reduzi-las ao estado proletário, acreditamos que talvez fosse possível encontrar uma razão pela qual esses mesmos ofícios tenham sido incorporados pelos complexos industriais, como nas fábricas escludenses. Qual poderia ser a razão da presença de tantos trabalhadores não propriamente operários numa vaga migratória supostamente operária? A contradição parece ser apenas aparente.

Numa relação de ofícios existentes no interior da indústria têxtil do início deste século, no Estado de São Paulo, publicada pelo respectivo Governo, aparece uma variedade muito grande de profissões não obrigatória ou diretamente envolvidas na produção de tecidos. São trabalhadores contramestres, mecânicos, serralheiros, carpinteiros, serventes, graxeiros, foguistas, maquinistas, carroceiros, guardas, etc. (Boletim, 1911/1912, p. 76) que executam funções de apoio à produção principal. Esse dado nos ajudou a compreender que, a exemplo do que aqui acontecia, os imigrantes não operários têxteis também faziam parte, já em Schio, de atividades integradas ao complexo sistema produtivo da indústria local. Daí que, malgrado a não identificação operária, originavam-se exatamente da mesma empresa escedense, o *Lanificio Rossi SpA*.

Tomamos, em seguida, separadamente, apenas os chefes de família, e chegamos ao seguinte resultado: a) dos 66 imigrantes chefes, 18 eram declaradamente operários têxteis e 9 não tinham profissão declarada, mas eram filhos de pais pertencentes àquela categoria. Os dois grupos somavam 27 pessoas, ou 40,9% dos chefes familiares; b) se somarmos esses 27 imigrantes aos que se cadastraram apenas como operários, em número de 8, chegaremos a uma cifra de 35 pessoas, que correspondem a 53% dos chefes; c) se, ainda, tomarmos como fidedigna a informação de que certas profissões estavam indiretamente vinculadas à produção têxtil e que, portanto, eram perfeitamente absorvíveis no contexto fabril, então será possível considerar que muitos daqueles que foram cadastrados como *artesãos*, na prática, trabalhavam como operários. Dos 66 pais de família, 11 (16,7%) declararam-se artesãos. Finalmente: d) se somássemos todos os chefes pertencentes às três categorias aqui definidas, chegaríamos a um total de 46 imigrantes. Portanto, 69,7% desses trabalhadores poderiam estar diretamente vinculados à produção fabril, em Schio.

Procuramos ainda identificar o universo familiar dos imigrantes que foram apresentados diante do agente cadastrador como pessoa *sem profissão*, por apresentar pouca idade. Constatamos, então, que imigraram ao todo 57 crianças com menos de 9 anos. Destas, 23 (40,4%) tinham pais operários têxteis. Procedemos com o mesmo raciocínio utilizado para analisar a profissão dos chefes de família. Se somarmos àquele percentual inicial de 40,4%, dos sem profissão, o percentual correspondente aos filhos de *outros operários* (10,5%), chega-se a um total de 50,9%, isto é, a 29 crianças. Portanto, concluímos que também nesse caso foi possível alcançar a maioria.

Procuramos identificar, finalmente, também o universo familiar dos adultos, não chefes, e crianças com mais de 9 anos que, apesar de apresentarem idade para exercer uma determinada profissão, nos registros de Schio não eram identificados por nenhuma delas. Os dados esclarecem que 33 (41,8%), dos 79 imigrantes *sem profissão declarada*, vinham de famílias de operários têxteis, confirmando, portanto, as tendências já reveladas nos grupos precedentes.

Quisemos, com esse levantamento profissional, buscar elementos que atestassem a preponderante presença operária como constitutiva da grande maioria dos imigrantes escedenses.

Um elemento adicional, mas muito esclarecedor, a respeito, revela-se na carta escrita em 29 de março de 1945 por *Francesco Crestana*, então com 65 anos, a seu filho,

*Alberto*, quando este partia com a Força Expedicionária Brasileira para os campos de batalha na Itália, durante a fase final da Segunda Grande Guerra. O autor lembrava o jovem filho que, chegando à Itália, procurasse os parentes que permaneceram vivendo nas cercanias de Schio. Desta, conseguiu descrever, após 54 anos, que era "*uma cidadezinha onde havia indústria de tecelagem fundada pelo Senador Alessandro Rossi*".<sup>20</sup> Foi o único elemento identificador que conseguiu fixar durante toda a sua vida. Seu pai havia sido operário, ele, muito provavelmente o havia sido também, seus parentes também o foram. Conseqüentemente a única lembrança possível de Schio, além dos laços familiares, estava vinculada à sua antiga condição operária. E o que mais nos chamou à atenção foi que, chegando ao Brasil, a família Crestana se deslocou para o campo e não para o mundo da fábrica. A memória de *Francesco*, porém, parece ter permanecido intocável por essa transformação!

Podemos, assim, concluir que em sua grande maioria, os imigrantes de Schio havia possuído vínculos com o trabalho na indústria têxtil e que a massa humana que se deslocou compunha-se fundamentalmente de operários originados nesse setor de produção.

A marca operária foi, portanto, o grande traço definidor desse contingente humano.

#### **6.3.4. O período de traslado**

Um último traço significativo trazido, por assim dizer, de fora por esse grupo foi a relativa correspondência cronológica do deslocamento que efetuou. O traslado da Itália até São Paulo foi feito, preponderantemente, entre março e junho de 1.891. A grande maioria deixou Schio entre os meses de março e maio e chegou aos portos brasileiros entre os meses de abril e junho, praticamente cessando logo depois.

Voltando às seis famílias, devemos afirmar que, malgrado os esforços, não nos foi possível identificar nem as datas de partida da Itália e nem os portos de embarque. Mas, conseguimos identificar o nome dos navios que as transportaram. Os **BERTON** foram trazidos pelo navio de nome *Sirio*<sup>21</sup>. Os **CRESTANA** viajaram com o *La Vittoria di Genova*. Os **DALLA VECCHIA**, com o *Giovanni Battista Lavarello*. Os **MARTINUZZI**, com o *Orione*. Os **SCARAMUZZA**, com o *Caffaro* e os **VICENTIN**, com o *Regina Margherita*.

Quanto às datas e os portos de desembarque, foi-nos possível colher estas informações: os **BERTON** desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, precisamente no dia 21 de abril. Os **DALLA VECCHIA** também desembarcaram no mesmo dia e naquele

<sup>20</sup> Uma cópia da carta do Sr. Francesco Crestana nos foi gentilmente cedida por seu neto, Dr. Silvério Crestana, e encontra-se em nosso arquivo pessoal.

<sup>21</sup> Parece ter sido o mesmo navio que, anos depois, afundou nas águas do porto de Gênova, repleto de emigrantes. A maioria dos passageiros morreu. O episódio ficou conhecido através de uma canção homônima ao navio, que lembrava o sentimento de tristeza deixado pelos que partiam para o além-mar e o desespero dos que estavam em terra firme em vê-los sucumbir.

mesmo porto, mesmo vindos em navios diferentes. Os **CRESTANA** vieram depois. Um grupo deles, o pai e três filhos, desceu no dia 2 de maio, também no Rio de Janeiro, mas o restante da família, a mãe e outros três filhos foram desembarcar somente no dia 19 de maio, no mesmo porto. Apenas este segundo grupo deu entrada na Hospedaria e foi aí registrado. Os **VICENTIN** vieram nesse ínterim e desembarcaram também no porto do Rio de Janeiro, mas no dia 13 de maio. Os **SCARAMUZZA** chegaram mais de um mês após, isto é, no dia 11 de junho, e foram os únicos de todas estas famílias a desembarcar no porto de Santos. Finalmente, chegaram os **MARTINUZZI** que vieram bem mais tarde. Desembarcaram no dia 28 de outubro, também no porto do Rio de Janeiro.

### 6.3.5. Para onde se destinaram os imigrantes escludenses?

Para responder à questão, elaboramos a Tabela 1 que quantifica os números recolhidos pela pesquisa e que passamos, então, a examinar. A grande maioria (68,4%) não deixou notícias precisas a respeito de seu paradeiro. Como já observamos, é possível, em razão das características peculiares existentes nesse contingente humano, que essa mesma maioria tenha se fixado nas cidades paulistas com iniciante base industrial, e, em especial, na cidade de São Paulo, onde, portanto, havia maiores e melhores oportunidades de trabalho. O percentual de 16%, correspondente aos que informaram optar pela permanência na cidade de São Paulo, é, entretanto, bastante baixo. Há indícios suficientes que nos levam a crer que a cidade de São Paulo foi uma importante área receptora de imigrantes escludenses, inclusive pelo testemunho de Domenico Marchioro quando afirma que seu pai, um operário têxtil imigrante, de Petrópolis teve que mudar-se para São Paulo, três anos antes da virada do século, em busca de trabalho. (Marchioro, p. 14)

TABELA  
IMIGRANTES DE SCHIO EM SÃO PAULO (1891)  
DESTINAÇÃO

DESTINO	NÚMERO DE IMIGRANTES	% DO TOTAL
ESTADO	149	68,4
CAPITAL	35	16,0
PORTO FERREIRA	11	5,0
PEDEREIRA	09	4,1
CAMPINAS	07	3,2
BOTUCATU	02	0,9
RIBEIRÃO PRETO	02	0,9
ITU	01	0,5
SERRA NEGRA	01	0,5
SÃO PEDRO	01	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>218</b>	<b>100</b>

Fontes: UACS - CHI (VERONA, 1933, p. 357)

Apenas um segundo grupo, minoritário, dirigiu-se para a fronteira agrícola, particularmente à alta Mogiana (Porto Ferreira e Ribeirão Preto).

Qual o paradeiro das seis famílias?

Os **BERTON**, provavelmente, se fixaram na cidade de São Paulo. O pai, *Carlo*, com 57 anos, veio a morrer naquela cidade, no mês de fevereiro de 1903.

Os **CRESTANA**, tomaram como destino o município de Porto Ferreira, se dedicando ao trabalho agrícola, nas fazendas de café da região. Tempos depois, a família mudou-se para a cidade e um dos filhos, *Francesco*, empregou-se na Cia. de Estrada de Ferro (Mogiana).

No caso dos **DALLA VECCHIA**, há indícios de que tenham, inicialmente, permanecido algum tempo na capital. A mulher, *Maria Zaltron*, morreu na cidade de São Paulo, em 1893, aos 45 anos. Posteriormente, é possível que se tenham mudado para Itu.

Quanto aos **MARTINUZZI**, pode-se dizer com garantia que tenham permanecido em São Paulo, pois o pai, *Luigi*, com 50 anos, veio aí a falecer no dia 2 de agosto de 1904. A filha *Zelia* morreu aos 22 anos, em 31 de outubro de 1907, também naquela cidade.

Os **SCARAMUZZA** viveram, pelo menos até o junho de 1893, na capital. A filha, *Teresa Regina*, com 20 anos, aí faleceria no dia 19 de dezembro de 1895. Ela se casara, em 8 de outubro de 1892, em São Paulo, com *Emilio Frizzo*, também proveniente de Schio. Os dois voltaram à Itália, em 1893, juntamente com os pais dela, dando, porém, entrada no município de *Arzignano*. No ano seguinte, no dia 1<sup>o</sup>. de julho, partiram novamente para São Paulo. A família residia à rua Victória, naquela cidade.

Os **VICENTIN** com certeza se instalaram na cidade de São Paulo, pois em 1894 morreu o neto *Romeo*, de apenas 3 anos de idade. No dia 2 de maio de 1895, na mesma cidade, morreu também o pai, *Girolamo*, com 49 anos incompletos.

### 6.3.6. *Quantos ficaram e quantos voltaram?*

No Estado de São Paulo, havia, então, pouco controle sobre a saída dos imigrantes, a não ser o executado pela Capitania dos Portos, com sede em Santos.

Nos arquivos de Schio, conseguimos localizá-los somente quando foram registrados em seu retorno ou quando se reinscreviam no Ufficio Anagrafe, atualizando o respectivo endereço. Não era possível, entretanto, aos funcionários municipais, localizá-los em trânsito, ou então, quando voltavam para a Itália e se instalavam em outra cidade qualquer, sem a anuência de praxe do prefeito da cidade de origem.

Conseguimos, entretanto, descobrir nos arquivos de Schio que, entre os 218 imigrantes, 44 (20,2%) voltaram para a Itália, no período compreendido entre 1891 e 1911, 35 (16%) permaneceram aqui durante esse período e 139 (63,8%) não deixaram aí qualquer registro. Dentre os que voltaram, há indicações, como a que nos oferece a família

Marchioro, de que muitos tenham desistido de ficar no Estado depois da amarga experiência vivida no interior das primeiras fábricas locais. (Verona, 1993, p. 360)

O filho *Giuseppe Luigi*, da família **BERTON**, que em 1903 tinha 23 anos, com a morte do pai voltou à Itália. Quando? Não se sabe. Em 1911, o recenseador anotou na ficha familiar que não havia encontrado nenhum membro da família na cidade. Passou, posteriormente, por Schio e, em 19 de setembro de 1919, aos 39 anos, casou-se com uma mulher de nome *Maria*.

Os **CRESTANA** permaneceram todos no Estado. Ainda no decorrer de 1891, morreu a filha *Margherita*, com apenas um ano de idade. Em setembro de 1893 nasceu do casal a filha *Brigida*, e, no ano seguinte, nasceu *Adele*, ambas, em Porto Ferreira.

Dos **DALLA VECCHIA** sabe-se que o filho *Giacomo*, com 20 anos incompletos, casou-se em Itu, no dia 7 de abril de 1894, com *Regina Negrini*. O casal teve, naquela cidade, 4 filhos: *João Batista*, *Giobatta*, nascido em 27 de setembro de 1896; *Antonio*, nascido em 17 de janeiro de 1899; *José*, nascido em 5 de dezembro de 1900; e *Teresa*, nascida em 15 de janeiro de 1903. Essa família emigrou para a Argentina, onde se fixou na cidade de Santa Fé. Aí nasceu uma outra filha, *Maria*, em 19 de junho de 1905. No mês de julho de 1906 todos foram para a Itália, dando entrada nos registros demográficos de Schio. Nesse período de permanência na cidade, a mãe de *Regina*, *Toseana Soffiati*, com 65 anos estava morando com a família. O casal teve ainda mais duas outras filhas, *Albina*, nascida em 8 de fevereiro de 1908; e *Lucia*, nascida aos 14 de dezembro de 1910, ambas em Schio. Em abril de 1911, antes do Recenseamento, voltaram para São Paulo e muito provavelmente se restabeleceram em Itu. Quanto aos demais irmãos, sabe-se, apenas, que *Lucia*, aos 14 anos, em 1894, casou-se, provavelmente em Itu; e que, em 1899, *Abele*, aos 23 anos, veio a falecer na mesma cidade.

Dos **MARTINUZZI**, há informações que atestam terem a mulher, *Virginia Bettanin* e o filho mais velho, *Guido*, voltado à Itália, provavelmente após a morte do pai, em 1904, e da filha mais velha, *Zelia*, em 1907. Em 1909, encontravam-se em Vicenza.

Os **SCARAMUZZA** voltaram à Itália e, em 3 de junho de 1893, fixaram-se, novamente, em Schio. O filho mais velho, *Giuseppe Francesco*, casou-se, aos 33 anos, em 24 de setembro de 1903, com *Elisabetta Sottoriva*, com 25 anos, de *Isola di Malo*, que veio a falecer 7 anos depois. Desse casamento, nasceram dois filhos: *Maria Vittoria*, nascida aos 16 de janeiro de 1905; e *Antonio*, nascido aos 2 de janeiro de 1907. Viúvo, *Giuseppe Francesco*, casou-se novamente, em 12 de junho de 1911. O segundo filho, *Domenico*, casara-se em 4 de novembro de 1897, aos 25 anos, com *Anna Maria Zaffonato*, de 20 anos e, logo depois, transferiu-se com ela para *Arzignano*. Ele faleceria em *Roggia di Torrelvicino*, no ano seguinte. A filha mais nova, *Teresa Regina*, juntamente com o marido *Emilio Frizzo*, voltaram também para a Itália, em 1893, instalando-se, porém, em *Arzignano*. Ambos retornaram para São Paulo e ela veio a falecer aí durante o ano de 1895. No Recenseamento de 1911, os *Scaramuzza* que permaneceram em Schio, formavam duas famílias distintas, a do pai e a do filho mais velho. Sabe-se, ainda, que em 18 de março de 1915, faleceria o pai, *Antonio*, e, em 30 de outubro de 1916, a mãe, *Catterina*, provavelmente, os dois em Schio.

Finalmente, chegamos aos **VICENTIN**. Em 1º. de julho de 1902, foi registrado, na respectiva ficha familiar do *Ufficio Anagrafe* de Schio, que o filho *Antonio*, aos 35 anos, juntamente com a sua mulher, *Artemigia Incerti*, aos 39 anos, e um dos seus três filhos brasileiros deram entrada naquele município. No Brasil haviam nascido: *Romeu Aurélio*, em 3 de junho de 1894; *Girolamo Angelo*, em 3 de abril de 1897; e *Maria Beatriz*, em 17 de novembro de 1899. Logo a seguir, a família passou a residir em Vicenza. Em 20 de julho de 1902 foi assinalado na mesma ficha que a mãe, *Maria Meneghetti*, permanecia ainda no Brasil.

## 7. Conclusão

Esse perfil pluriforme, sem dúvida, dentro de suas parcas e limitadas dimensões, ajudou a enriquecer a composição do, então, nascente proletariado industrial paulista e ofereceu-lhe, certamente, novos elementos de percepção crítica da relação capital-trabalho, fruto da experiência dolorosa das lutas operárias ocorridas em solo escedense.

O Brasil, e nele, especificamente o Estado de São Paulo, como já vislumbramos no início, foi sempre uma terra de acolhida. Como em outras áreas de miscigenação as diversidades etnoculturais descaracterizam o padrão. A identidade brasileira e paulista, se assim podemos tipificar, passa pela heterogeneidade. As particularidades de cada cultura, longe de significar apenas um elemento a mais a se dissolver nesse conjunto, representam de fato algo consistente e constitutivo do todo.

Neste sentido, a imigração escedense, ainda que reduzida diante do imenso fluxo humano que se dirigiu para o Brasil e para São Paulo, nas últimas décadas do séc. XIX e nas primeiras deste, trouxe uma nova identidade, a do proletariado italiano, que deixou a terra natal com uma experiência amarga de embate com os donos do capital e capaz de contribuir decididamente para a formação do proletariado urbano paulista que, em 1891, era apenas embrionário.

Finalizando, é importante dizer que o objetivo do presente artigo foi o de levantar argumentos que possibilitem estudos cada vez mais aprofundados sobre a consistência e a importância adquirida pela imigração operária européia vinda para os centros urbanos do Estado de São Paulo, nos marcos de uma vasta imigração analisada comumente sob o enfoque da formação do mercado de trabalho livre no campo.

## RELAÇÃO DE OBRAS CONSULTADAS

- ALVIM, Zuleika M. F. *Brava Gente! Os italianos em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BEIGUELMAN, Paula *A crise do escravismo e a grande imigração*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comercio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, v. 1, n. 1/2, 1911/1912.
- DE ZETTIRY, Arrigo. I coloni italiani dello Stato di S. Paolo. *La Rassegna Nazionale*, Firenze, v. 70, p. 59-96, marzo-aprile, 1893.
- FANFULLA, PUBBLICAZIONE DEL *Il Brasile e gli italiani*. Firenze: R. Bemporad & Figlio, p. 347, 484 e 549, 1906.
- FRANZINA, Emilio *Un altro Veneto: saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX*. Padova: Francisci, 1983.
- FURTADO, Celso *Formação econômica do Brasil*. 21. ed. São Paulo: Nacional, 1986.
- HALL, Michael. Trabalhadores imigrantes. *Trabalhadores*. Campinas, n. 3, p. 8, 1989.
- KLEIN, Herbert S. A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 25, p. 95-117, out. 1989.
- MARCHIORO, Domenico *Autobiografia giovanile di un vecchio militante delle lotte operaie: Storia vissuta, patita e descritta da un proletario rivoluzionario coraggioso, dalla fine dell'Ottocento ai primi del Novecento nell'Alto Vicentino*. s.n.t. (mimeogr.)
- MARTINS, José de Souza *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- PRADO JR., Caio *Formação do Brasil contemporâneo - Colônia*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- RIBEIRO, Darcy *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Civ. Bras., 1975.
- SABBATINI, Mario, FRANZINA, Emilio *I veneti in Brasile nel centenario dell'emigrazione (1876-1976)*. Vicenza: Accademia Olimpica, 1977.
- TRENTO, Angelo *Do outro lado do Atlântico: um século de Imigração Italiana no Brasil*. Trad. Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo:

Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

VERONA, Antonio Folquito *I xe come la zavorra: a trajetória dos operários que deixaram Schio rumo a São Paulo, em 1891*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 1993. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp, 1993.

VERONA, Antonio Folquito. A imigração de Schio para o Brasil: uma vertente operária da imigração vêneta. *Rivista Insieme*. São Paulo, n. 3, p. 53-65, 1992.

WRIGHT, Arnold *Impressões do Brasil no seculo vinte: sua historia, seu povo, commercio, industrias e recursos*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing, 1913.

ZOLBERG, Aristide. Descoberta da América abre era das grandes migrações: 500 anos de deslocamentos humanos mudam face do planeta. *Folha de São Paulo*, 18 jul. 1991, Especial, p. 4.